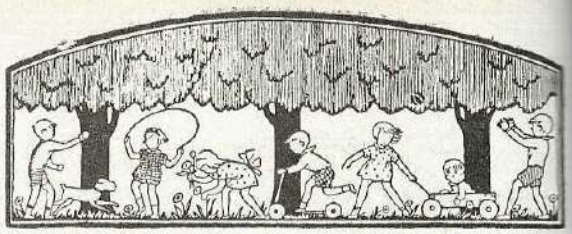
Bem-Te-Vi

ANO XVIII NUM. 6

JUNHO DE 1940

ARMADILHAS

O que as crianças aprenderam numa excursão.



O snr. Fernando foi com seus alunos fazer uma excursão pelo campo. Não faltou nenhum.

Pudera! Quem é que não gosta de fazer um passeio assim.

À hora marcada, todos se achavam no lugar designado e, depois de umas explicações dadas pelo professor sôbre como devem os meninos proceder em tais ocasiões, largaram a andar.

Iam animados. A manhã era fresca e linda e o chibrear dos passaros entusiasmava-os aínda mais. Em camaradagem franca foram conversando, rindo e por vezes cantando. Aquí e alí paravam para fazer observações, discutir e aprender.

Assim andaram bons quilômetros até que afinal chegaram a uma casa de caboclo, onde bateram para pedir água. Eram mais ou menos 10 hrs. da manhã e a família acabava de almoçar.

— O' de casa! Bom dia.

— Bons dias. A que vêm os senhores?

— Queremos pedir-lhe água para tôda esta gente. Poderia o senhor arranjar-nos, por favor?

— Pois não. O poço está perto. Vamos lá.

E o caboclo num instantinho puxou um balde dágua e todos se fartaram.

Enquanto bebiam, o snr. Fernando e a meninada entabolaram conversa com o caboclo e seus filhos que se vieram chegando aos poucos. Não demorou para saberem que tinha um roçado onde êle e os filhos pasavam o dia trabalhando.

— Querem ver minha caçada de hoje? perguntou o caboclo, com visível satisfação, o rosto como que aclarado.

— Teremos nisso prazer, já que o senhor se mostra com tanta boa vontade, disse o professor.

— Que bom! Que bom, ecoaram em resposta os alunos.

A poucos passos viram uma enorme onça que metia mêdo.

— Não se assustem; está morta, disse o caboclo, tranquilamente.

— Como foi que conseguiu pegá-la? indagou snr. Fernando.

— Foi sorte. A armadilha não era para ela. Queriamos é pegar uma capivara que há tempos nos vem estragando o roçado. Já por duas vezes a bicha conseguiu escapar depois de ter caído na armadilha. Devia ter feito um esfôrço enorme, pois a armadilha era bem resistente. Fui eu mesmo que a fiz.

— O senhor sabe fazer bem? perguntou ingenuamente um dos meninos.

— Si sei! Faz vinte anos que lido com isso. Sei armar gaiola, ratoeira, arapuca e armadilha de tôda a espécie. Uns bichinhos são bobos, inexperientes e caem logo. Outros, como aquela capivara, conseguem escapulir e outros, aínda mais ladinos, olham, examinam e fogem.

Vocês da cidade também sabem armar arapuca?

— Ah! suspirou o professor. Na cidade há uma armadilha terrível, que o senhor aquí não tem. (A meninada aguçou os ouvidos para saber qual seria). E' medonha, formidável!

"Será a carrocinha de pegar cachorros" pensaram muitos dêles.

— E é de pegar meninos e rapazes descuidados, continuou o professor.

(Todos arregalaram os olhos).

— E pega? perguntou o caboclo. Como?

— Muito facilmente. Os rapazinhos incautos são atraidos para ela, que se apresenta de maneiras diversas. Ora é o bilhar e a bebida, ora o fumo e a dansa, para não se falar no cinema tão mal fiscalizado. Alguns, como a sua capivara, percebem logo que lá não deve ser o seu lugar, e, empregando tôda a sua fôrça de vontade e brio, livram-se, ganhando novamente a liberdade. Infelizmente há muitos tão bobinhos e cegos que entendem que liberdade é poderem ficar escravos, presos de tais vícios.

— Eu é que não sou bobo! exclamaram alguns dos meninos.

— E eu vou fazer como a capivara — romper com tudo e ganhar a verdadeira liberdade, antes de perder minhas fôrças, disseram outros.

— Muito, muito bem! Folgo em ouvir tais resoluções. Que Deus os ajude nesse propósito, disse o snr. Fernando, que estimava muito os alunos e não perdia oportunidade de ajudar a formar-lhes um bom carater. Esta lição que acabam de aprender vale mais do que as observações de botânica que viemos fazendo.

Vamos agora tomar a nossa merenda, e voltar quanto antes, pois o sol já está ficando muito quente.

E alegres, marcharam para casa, tendo antes agradecido ao bom caboclo a água dada com tão boa vontade e a lição preciosa que lhes proporcionara.

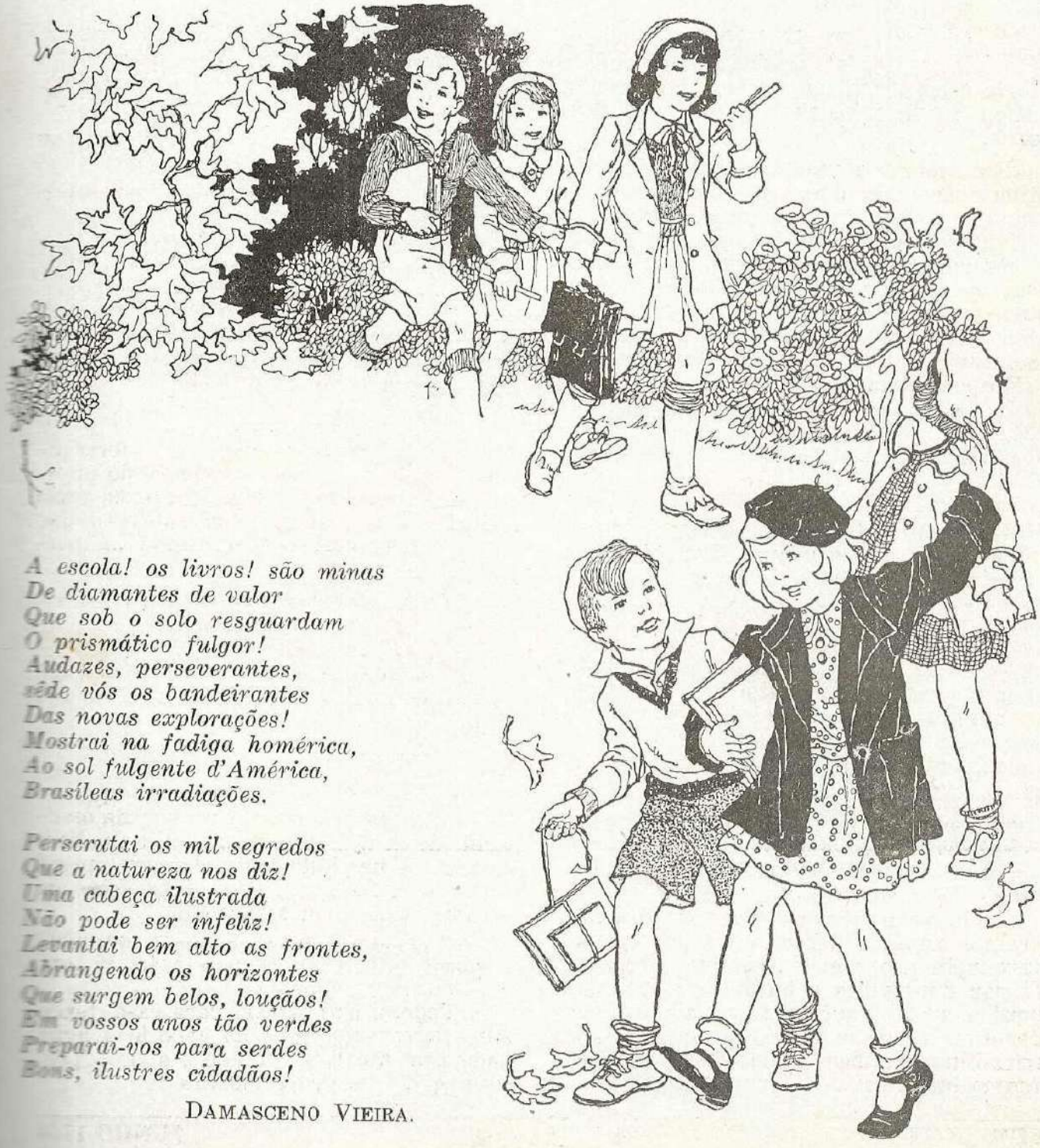
Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 6

Gerente responsável: — Fernando Buonaduce
Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 659
Assinatura anual 10$000
Número avulso . 1$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

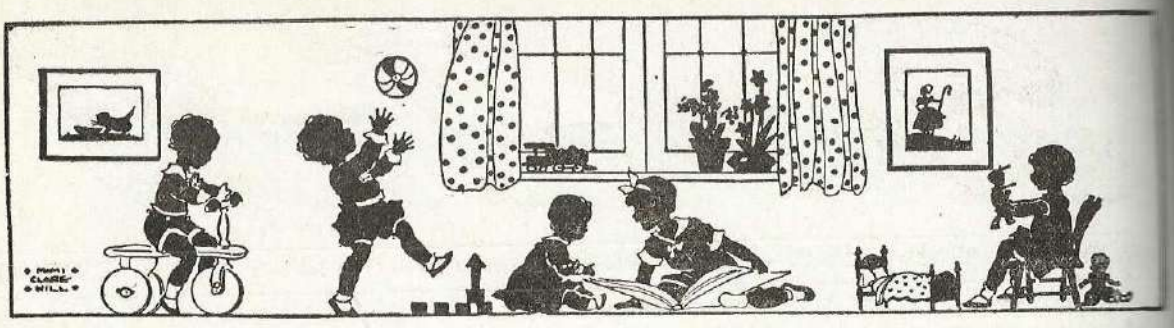
Diretor: Afonso Romano Filho • São Paulo, Junho de 1940 • Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli



A escola! os livros! são minas
De diamantes de valor
Que sob o solo resguardam
O prismático fulgor!
Audazes, perseverantes,
sêde vós os bandeirantes
Das novas explorações!
Mostrai na fadiga homérica,
Ao sol fulgente d'América,
Brasíleas irradiações.

Perscrutai os mil segredos
Que a natureza nos diz!
Uma cabeça ilustrada
Não pode ser infeliz!
Levantai bem alto as frontes,
Abrangendo os horizontes
Que surgem belos, loucãos!
Em vossos anos tão verdes
Preparai-vos para serdes
Bons, ilustres cidadãos!

DAMASCENO VIEIRA.



A Colcha de Retalhos

— Que jóia, Marília! Nunca vi cousa tão mimosa! dizia Lourdes, examinando a linda colcha com que a mamãe cobrira a cama da filhinha no dia dos seus doze anos.

Era realmente uma obra prima de préstimo, paciência e bom gôsto na combinação das côres. Havia quadrados, losangos, triângulos, enfim, muita geometria multicor harmonicamente disposta e aplicada sob pontos minúsculos, a mão, e matemàticamente distanciados. Só quem não admira um céu estrelado, deixaria passar sem análise e louvor peça tão preciosa de arte doméstica.

— Eu também aínda não vi colcha que revelasse tanto gôsto artístico! Abençoadas mãos as que a fizeram...

— Você então sabe quem foi?

— Ora! Faleceu há poucos meses! Dois... três meses apenas. Foi Nhá Dica, uma velha de papo enorme, coitada!

— Devo crer que era pobre e que se dedicava a êsses trabalhos para viver?

— Isso mesmo Lourdes. Vou contar-lhe alguma cousa a respeito dela. Ao menos o quanto ouvi de Mamãe há pouco tempo, pois era criança quando se deram êsses fatos.

Eu tinha oito anos. Moravamos numa casa boa na Água Branca. Meu irmãozinho e eu brincavamos sempre no quintal, porque Mamãe não gosta de criança na rua. Ela sempre diz: "Filho na rua, casa limpa e filho sujo". Um dia estavamos fazendo biscoito de barro, para aproveitar o fôrno em que Mamãe ia assar um pudim e sequilhos para a reunião social da classe juvenil da Escola Dominical, quando entendi de espiar pela tela de arame que separava o nosso quintal de um terreno baldio. Na porta do quartinho que havia, bem pobre, sem pintura nem reboque, estava uma mulher feia, morena, já idosa ou maltratada pelos sofrimentos. Resmungava uma cantiga assim: "Piracicaba, Piracicaba, adeus, adeus!"

Achei tão esquisita a sua figura, que me esqueci dos biscoitos. Arranjei uma posição cômoda e lá fiquei, repetindo com ela aquele estribilho.

Que tarde gostosa passei, Lourdes. Você nem imagina o que eu vi.

— Uma velha feia, você já disse!

— Mais do que isso! Ah! e ela não era tão feia. Pode ser feia uma pessoa que faz cousas bonitas?

— Olhe quanta filosofia numa cabecinha de doze anos! Vejam só os progressos da Marília!

— Aprendi com a sua de quinze, senhorita!

— Muito bem!!! gritaram, a uma voz, mais cinco meninas que chegavam para o chá de aniversário da amiga.

Era um ramalhete de flores de organdí azul, linou rosa, filó creme, tobralco listado, "petit-pois", enfim, cinco tagarelas que interromperam a narração de Marília, com abraços e felicitações.

— Vocês não ouviram os nossos passos? perguntou Elide.

— Chegamos juntas, na ponta dos pés, explicou Ofélia. Fizemos sinal a D. Miloca para que não anunciasse a nossa chegada.

— Não o fizemos por indiscreção, acrescentou Áurea, sempre receiosa de mau juízo sôbre o seu procedimento irrepreensível.

— E agora, D. Marília, queira continuar a história da velha feia que não era tão feia. Estou curiosa. Além disso, você tem um jeitinho para apresentar dramas sensacionais...

— Apoiado! Tenha a palavra a dona da

festa. Vamos à história. Estou de lápis em punho.

— E eu trouxe a máquina fotográfica para imortalizar a oradora!

— Continuarei, em homenagem àquela boa amiga dos meus oito anos.

— Até agora é, filhinha, disse D. Miloca, chegando a tempo. O seu préstimo fala em diversos trabalhos que enfeitam a nossa casa.

— E' verdade, Mamãe. Posso continuar?

— Vai falando, enquanto a Conceição põe a mesa. Já são 4 e meia.

— Eu dizia...

— ... que a velha, não era tão feia porque fazia cousas bonitas.

— Foi nesse ponto que nós a interrompemos, Marília, disse Elza, uma pequena viva, campeã de declamações com lances dramáticos.

— Isso mesmo. Fiquei encostada na cêrca sem que a vizinha percebesse até que, tendo dado um espirro, ela me procurou com os olhos por entre os claros da trepadeira, e disse: "Deus te ajude, menina." Agradeci e perguntei se ela vendia as bonecas de pano que estavam de pé, encostadas em fileira na porta.

— Vendo sim, minha flor.

— E que voz engraçada a de Nhá Dica. Tenho saudades dela. Desceu da soleira da porta, amontoou no braço aquelas criaturas insensíveis e aproximou-se da cêrca.

— Esta chama-se Rosa e custa 1$500; esta é Gracinda, tal qual a Gracindinha minha afilhada perereca. Custa... custa 2$000.

— E esta de vermelho, que é pretinha, hein Nhá Dica?

— Ah diabinha! Já enguiçou pela negrinha! Só 1$200. Não faz vista a Quitéria.

— Eu vou pedir dinheiro para a Mamãe e já venho...

— Não, lindinha, eu dou uma para você, meu bem... E lá se foi o anjo amolar a dona.

— Minhas amigas, passei aquela tarde num céu com a Quitéria e meu irmãozinho. Eramos três a conversar. Quando ela falava, eu fazia vóz grossa, dizia cousas que uma preta costuma falar e riamos a valer.

— E a colcha, Marília? lembrou Áurea.

— Já vai. Nhá Dica pediu-me retalhos em troca da Quitéria, e a costureira da Mamãe, da titia Aninha, da amiga dela e nem sei mais de quem, sabendo da vida que levava Nhá Dica, simpatizaram com a sua sorte e eu passei a ser a intermediária não só no transporte das trouxas de retalhos lindos de seda, de lã, de linho, veludo, como também na venda de bonecas, bonecos, lulús de pano desfiado, ramalhetes de flores de organdí, de feltro, enfim, de tôdas as transações bonecais de Nhá Dica.

— Bonecais! Ah! Ah! Ah! Você é neologista, Marília!

— E parece-me até que a velha ganhou vida: remoçou, cantava mais alto, quasi sempre em louvor de Piracicaba, fazia biscoitos, cuscús, pés-de-moleque...

— Mas a colcha, sra. oradora!

— Minhas filhas, a mesa está chamando! disse com voz firme e doce D. Miloca.

— Um minuto, Mamãe (E a menina continuou apressada). Um dia Nhá Dica adoeceu e nós tivemos de cuidar dela. Quando sarou, fez uma promessa — não produzir mais bonecas enquanto não acabasse a "minha colcha". Coitada! Trabalhava tanto na confecção de bonecas e às escondidas de mim enchera uma caixa dos tais losangos, triângulos e rodinhas que vocês aí vêem.

Lindas mãos, enrugadas, manchadas, as de Nhá Dica...

E possuidas do mesmo sentimento de admiração e respeito, tôdas as meninas se mantiveram em silêncio por um minuto, diante da colcha de retalhos.

Daí a momentos ouviam-se vivas, muito bem, bis!

Eram para Marília os vivas, por certo, e os aplausos para Elza, a declamadora, e para a Mamãe Miloca e Papai Elias que tão belos sentimentos souberam cultivar no espírito de sua filhinha.

E. T. Amorese.

QUE FARIAS TU?

O LADRÃOZINHO

O VALOR DUMA CONCIÊNCIA LIMPA

Pedro era o menino que cuidava das cabras de seu pai. Passava o dia nas grandes colinas, vigiando-as e, para não se sentir muito só, distraia-se a tocar flauta, no que era bastante hábil. Ao seu lado estava Jason, filho dum salteador, conversando com o pastorzinho.

Ao longe, aos pés das rochas onde estavam, estendia-se a cidade de Tarso, com seus muros brancos, brilhando ao sol. Pouco além, via-se o lago Rhegma, coalhado de barcos mercadores, cujas velas, também brancas, já estavam soltas para apanhar a brisa da manhã. Vistas de longe, pareciam grandes pássaros, de asas abertas, poisando sôbre o lago.

Pedro, levando a flauta à bôca, deu expansão à alegria que lhe enchia todo o ser. Arrancou sons maviosos que lhe traduziam o amor pela vida ao ar livre. Às vezes, imaginava ver as montanhas e as plantas dansando à sua música; e à noite, quando as estrêlas lhe faziam companhia, era como se ouvisse a música do universo.

Jason interrompeu-o:

— Por que você passa o dia aí vigiando essas cabras? Olhe para mim! Não faço nada o dia todo; deito e durmo quando bem entendo. E dinheiro, tenho-o com fartura!

Assim dizendo, tirou de sua blusa um saquinho de couro, cheio de moedas que tilintaram com o movimento.

— E você sabe como ganhei isto? continuou êle. O meu trabalho é apenas observar as caravanas que por aquí passam e descobrir quais as que levam carga preciosa, para depois... (e deu uma risadinha maliciosa) contar a meu pai e a seus companheiros. Então escondemo-nos nas montanhas e, em hora oportuna, assaltamos as caravanas inesperadamente. Tendo tirado o que de melhor encontramos, deixamo-los ir.

Pedro pusera a flauta ao lado e atenciosamente ouvia as palavras insinuantes de Jason. Tentou falar, mas as palavras sempre lhe eram difíceis. Traduzia melhor seus sentimentos por meio da flauta.

— Mas eu não quero ser ladrão. Meu ideal é ser um bom mercador, como aqueles que lá veem (e apontou para uma caravana que aínda mal se percebia, muito ao longe, caminhando em camelos vagarosamente pelos caminhos ondulados das montanhas.

Jason riu francamente.

— Que ótimo mercador você daria, gago como é, hein? Gostaria de vê-lo discutindo preços ou tentando convencer alguém da preciosidade de algum artigo! Com a ligeireza de suas pernas e o conhecimento que tem dêstes caminhos, você faria bem em querer tornar-se ladrão. Meu pai já disse que não há quem conheça as montanhas Taurus melhor do que você. Eis porque desejamos tê-lo em nossa companhia; e isso não impedirá que continue a cuidar das cabras.

Pedro estava pensativo. Sim, era com satisfação que ouvia ser considerado o maior conhecedor daqueles caminhos; conhecia realmente tudo aquilo como a palma de sua mão. Sabia onde encontrar as fontes de água e onde ficavam os inesperados precipícios e as cavernas daquela parte das montanhas. Seu sonho dourado era um dia poder guiar uma caravana por essa difícil estrada, a parte mais perigosa entre Antioquia e

Tarso. Sonhava conduzir os camelos, cheios de cargas pesadas, através de perigos e tempestades e finalmente, salvos, transpor o grande Portão da cidade de Tarso. Esta esperança êle vinha alimentando há muito tempo. Mas quando se via negociando com alguém, parecia que lhe diziam:

— O' rapaz, você não dá para isto em virtude da sua dificuldade no falar. Era melhor que continuasse como guardador de cabras.

Com tal pensamento, arrefecia-lhe o ideal e com alegria pegava em sua flauta. Jason tinha razão. Um mercador precisa ser eloquente. E verdade era que conhecia muito aqueles caminhos. Pois bem, se não desse para mercador, daria para ladrão!

Jason estava radiante com a decisão de Pedro, pois intimamente o admirava. Muitas vezes tinham subido as montanhas juntos ou corrido pelas planícies, empinando papagaio.

Jason comunicou a Pedro que os ladrões ouviram contar que uma riquíssima caravana estava de caminho para Tarso, ignorando, porém, com precisão, quando deveriam passar pela montanha. Recomendou a Pedro que procurasse descobrir tudo naquela mesma tarde, quando fôsse à fonte dar água às cabras.

Aquela nascente era muito concorrida pelos pastores e caravanas por ser a última entre as montanhas e Tarso.

Não lhe custou descobrir o que queria, pois todos os que o conheciam depositavam nêle absoluta confiança. Ouviu a conversa dos outros pastores e o que disseram os homens da caravana sôbre a dificuldade que estavam encontrando naquela travessia. Realmente, a caravana mais rica que por alí haveria de passar era sem dúvida aquela que, no dia seguinte, tomaria a direção de Tarso.

Corria a notícia de que eram vinte os camelos, dez dos quais levavam ouro. A caravana estava bem armada, mas havia a desvantagem de estar sem guia, pois, quem os guiara seguramente até alí, estava agora doente, delirando de febre. E, para cúmulo do azar, o velho mercador, dono daquela caravana, não estava com ela, tendo mandado o filho em seu lugar. Outras coisas aínda diziam, mas para Pedro isso era o suficiente.

Voltou apressado para encontrar-se com Jason. Como lhe fôra fácil obter as informações e como o bando de ladrões haveria de ficar satisfeito com seu relatório! Oh! Era fácil

ser ladrão. Mas, sem saber por que, Pedro não estava contente. Seus passos já não eram ligeiros como antes. Não se sentia disposto a correr e pular como sempre, pois uma sensação desconhecida se havia apossado dêle.

Tirou a flauta e levou-a aos lábios. Não saiu nenhuma canção, apenas umas notas desafinadas. Irritado, soprou com tôda a sua fôrça e os sons sairam apenas mais altos, porém, sem harmonia.

Pedro ficou sobressaltado. Que teria acontecido com a flauta? Antes tocava maviosamente, mas agora...

Olhou para as colinas. Lá estavam, todavia não lhe pareceram amigas mas estranhas. Era como se lhe houvessem virado as costas.

Finalmente encontrou Jason. Com um pauzinho traçou na areia o itinerário da caravana e relatou-lhe o que ouvira, sendo grandemente elogiado pelo companheiro.

— Meu pai pretende atacá-los perto do grande Portão, onde a passagem é muito estreita, sendo-lhes impossível escapar. Esteja neste mesmo lugar daquí a dois dias que eu virei trazer-lhe a sua parte. Poderemos então ir juntos passar a noite em Tarso e divertirmo-nos bastante.

E, com um sorriso, Jason se foi correndo e pulando como um cabritinho, tal a sua satisfação.

Pedro fitou-o, enojado.

Durante o resto daquela tarde ainda fez senão meditar. Presenciou o ocaso; contemplou o cair da noite e o aparecimento das estrêlas, a princípio como que tímidas e por fim quasi que a incendiar o céu de tanto brilho. Depois, calma e majestosamente, sem aviso, a lua surge detrás das colinas, inundando o céu e a terra com sua luz prateada.

Tudo isso Pedro contemplou em silêncio, pensativo. De repente, ergueu-se de um salto, movido por firme resolução. Parecia mais leve agora e mais tranquilo. Desceu a colina, pelas passagens escondidas e pelos atalhos tão seus conhecidos. Ia ligeiro. O coração batia-lhe com fôrça e a respiração era difícil, mas sem se incomodar com o cansaço, foi adiante. A lua se ergueu mais e principiava a desaparecer sem que Pedro desse notícia dela.

Suas pernas começavam a bambear; estirando-se no chão, descansou um pouco. Foi como se novas fôrças, saindo da terra, lhe refizessem as energias gastas. Levantou-se e continuou.

Uma a uma as estrêlas se apagaram, ficando apenas a estrêla dalva com seu brilho magnificente. Mais um pouco e eis que o despontar do sol enche a terra de luz e vida. E Pedro viu então, a pouca distância, um oasis perto do qual se acampava uma caravana.

O menino respirou com alívio. "Aínda em tempo, em tempo, em tempo" parecia exultar seu coração.

Foi-lhe difícil encontrar o jovem mercador, pois a caravana estava muitíssimo bem guardada e nenhum dêles conhecia êsse menino esbaforido, cujo rosto se tornava mais e mais vermelho ao tentar contar-lhes sua missão.

Com muito custo levaram-no à presença do jovem mercador que lhe lançou um olhar bondoso e cheio de curiosidade.

— Então, rapazinho, que me vens dizer, tão ansioso?

Por uns momentos Pedro não encontrava palavras. Mas, de repente, sem saber como, as cordas de sua garganta foram sôltas e, erguendo os olhos, sem temor, falou ao mercador, como homem a homem.

— Os ladrões, senhor, estão mais adiante à vossa espera. Não sigais a estrada pela garganta da montanha. A passagem é estreita e perigosa e não há meios para se escapar. Seguí pelo caminho desconhecido por sôbre a montanha.

O jovem mercador, por instantes, fixou os olhos do menino e disse:

— Como sabes isto, rapaz? Tu, que és um simples pastor, pelo teu trajar.

Pedro não hesitou em contar-lhe tudo. Suas palavras eram fluentes e fáceis e nem uma vez gaguejou.

Certa hora o mercador o interrompeu:

— Mas, meu guia caiu doente. Eu não conheço nenhum outro caminho a não ser a estrada principal. E' a primeira vez que meu pai me incumbe dêste trabalho e não posso falhar. Se deixar a estrada principal para vaguear por essas montanhas a fora, é certo que nos perderemos. Precisamos chegar a Tarso quanto antes para entregar, salva, a mercadoria de meu pai. Acho preferível enfrentarmos êsses teus ladrões a errarmos por onde ninguém sabe.

E enquanto dizia, bem visível se tornava a sua perturbação.

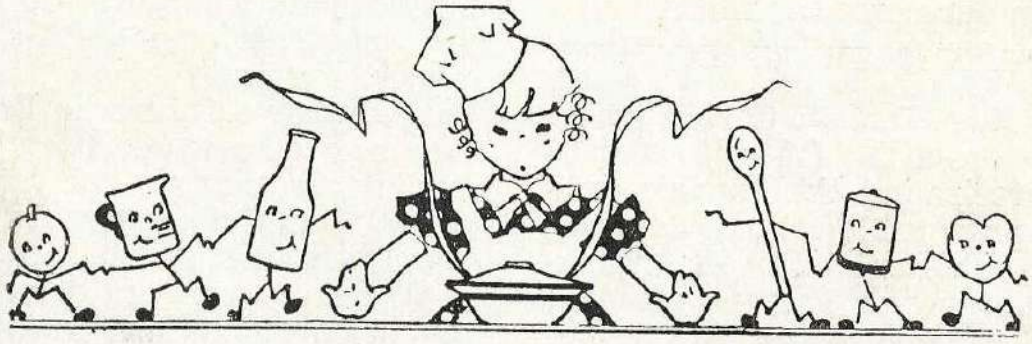
— Senhor, suplicou Pedro, pondo a mão sôbre o braço do jovem mercador, senhor, eu conheço o caminho.

Por um momento conservou-se calado; depois, virando-se, deu ordem de partida.

E, tendo Pedro montado no camelo guia, a grande caravana deixou a estrada principal e pegou o caminho escabroso e íngreme pela montanha.

Como era bom guiar a caravana por caminho seguro! Como era bom saber-se livre e novamente um pastorzinho! Como era bom livrar-se para sempre de negócios com ladrões!

Pedro tirou sua flauta e levou-a aos lábios. Uma música suave, linda e triunfante encheu o ar matutino. E mais uma vez pareceu a Pedro ver as colinas dansarem e o mundo todo lhe era doce e tôda a terra se regozijava com êle.



PETISCOS para os Bem-Te-Vistas

DOCE DE CASCA DE LARANJA

Casca de 6 laranjas
½ chícara de água fervendo
1 chícara de açúcar cristalizado.

Cobrir as cascas com agua fria e pôr a ferver lentamente até ficarem macias. Escorrer e tirar com uma colher a pele branca e cortar então em tiras finas, com uma tesoura. Levar ao fogo a casca, o açúcar e ½ chícara de água fervendo e cozinhar até ferver. Tirar as cascas, o mais sêcas possível, e enxugá-las em um guarda-napo. Estando frias passar em açúcar cristalizado e deixar secar fora. Guardar em vidros.

Brasileiros Ilustres

D. PEDRO II — O IMPERADOR CRIANÇA

Foi no dia 2 de dezembro de 1825, às duas horas e meia da madrugada, que o palácio todo se movimentou com a notícia de que acabava de nascer um menino. D. Pedro I, o imperador, não cabia em si de contente. Um filho! Oh! Receberia o seu próprio nome, seria Pedro também. Quantas esperanças, quantos planos, quantas modificações por causa da chegada daquele pequenino ser que media, apenas 57 centímetros e meio!

Era uma lindeza a criança, de olhos azues.

No dia 9 de dezembro, às 5 horas da tarde, foi o seu batizado. Chovia muito, mas mesmo assim houve cerimônias pomposas; das fortalezas e navios vinham salvas que abalavam a cidade. O côro cantou uma partitura composta pelo Imperador. Sabem vocês com que nome comprido o bispo D. José Caetano o batizou? Foi D. Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga!

D. Pedro I tinha um gôsto todo especial em dar nome aos filhos.

A mais velha, D. Glória, lembrava-lhe a Virgem de sua devoção; o segundo filho, D. João Carlos, trazia os nomes dos avós: João VI e Carlos IV; a terceira era D. Januária, evocando a província do Rio de Janeiro; a quarta, D. Paula Mariana trazia-lhe a lembrança de S. Paulo e Minas; e agora era o seu próprio nome, Pedro II.

Antes de completar a criança dois meses precisou separar-se da mãe que não pôde deixar de ir à Baía em companhia do marido. Ficou então o Pedrinho entregue aos cuidados de D. Mariana de Verna, senhora ilustre e piedosa, portuguesa, viuva, de 46 anos de idade.

D. Pedro II, coitadinho, não teve a felicidade de conhecer bem sua mãe. No dia 12 de dezembro de 1826, quando êle tinha apenas 1 ano e 10 dias, foi levado para dar o último beijo na mãezinha que já havia partido, para o céu; suas irmãs, as princesinhas, soluçando, beijaram-lhe também a mão pela última vez. Mas D. Pedro II não sabia aínda avaliar o tesouro que acabava de perder. Sua mãe, a mãe que êle conheceu foi D. Mariana de Verna, a quem chamava de "Dadama". Ela o queria como se fôsse seu próprio filho. Quando êle tinha apenas 4 anos ganhou dela um presente — um livro — pois como dizia, dava desde criança mostras dum caráter firme e grande inteligência.

Mais um ano se passou e no dia 7 de abril de 1831, quando contava 5 anos, 4 meses e 5 dias, ao se levantar de manhã, encontrou-se com a Dadama, que ao invés de o chamar de Príncipe, dirigiu-se a êle dizendo — Senhor Dom Pedro Segundo — *Imperador do Brasil!* E' que o imperador seu pai havia abdicado a corôa ao filho, embarcando para a Europa.

Assim foi a infância de D. Pedro II, e não menos triste foi a sua meninice. Precisava agora preparar-se para dirigir o futuro do Brasil. Já não lhe chamavam de *alteza*, como às suas irmãs, mas sim *majestade* e diziam "Meu Imperador" ao lhe beijarem a pequenina mão.

D. Pedro, como era de se esperar, sentiu os efeitos das fortes impressões de luto e hostilidades. Quasi morreu nessa ocasião, tomado de um terror infantil. Seu estado inspirava cuidado. Precisavam distraí-lo, entretanto, prendiam-no a uma vida metódica, de muito estudo e sem liberdade. Como êle invejava as crianças que corriam e pulavam despreocupadas!

Nesse tempo era costume os meninos vestirem-se como homens e o menino D. Pedro, assim vestido, de cal-

ças compridas, jaqueta inglesa, colete com uma cadeia de ouro e gravata, tornava-se um homenzinho, sobretudo por ter um ar ponderado e sizudo.

Entendiam não ser de bom tom uma criança educada rir à vontade; daí o motivo de êle se compenetrar aínda mais.

Dois anos depois morreu-lhe a irmã D. Paula, deixando profundas saudades no coração amoroso do irmão e das princesas.

Continuava D. Pedro a crescer em meio à instabilidade do govêrno brasileiro. Tinha o físico fraco, e inteligência precoce; era notável seu amor pelos estudos a que se dedicava inteiramente e assim era preciso, pois aos 18 anos assumiria as rédeas do govêrno.

Seu primeiro mestre foi o francês Luiz Aleixo Boulanger que lhe ensinava caligrafia, geografia e as primeiras letras. O rev. Boiret foi o primeiro a pôr-lhe a pena na mão a ensinar-lhe a assinatura; Lourenço Lacombe ensinava-lhe a dansa, Fortunato Mazziotti, a música e o pintor Simplício P. de Sá, o desenho.

Depois dos primeiros conhecimentos começou a estudar ciências naturais com Alexandre A. Vandelli e inglês com Nataniel Lucas. Todos os professores queriam que êle se exercitasse o mais possível e como resultado vemo-lo aos 7 anos, escrevendo já cartas ao pai; aos 8, respondia em inglês ao ministro britânico; aos 9, fazia desenhos de se admirar (era o desenho a sua matéria predileta). Ficava às vezes nas janelas do Paço da Cidade, copiando a paisagem que tinha diante dos olhos. Êsses desenhos, mandava-os ao pai, que, comovido, lhe pediu mandar de alguma vista já sua conhecida.

Em 24 de setembro de 1834, morre-lhe o pai, mas D. Pedro II, antes de ter notícia, de sua morte, escreve-lhe aínda... Ao saber-se órfão de pai, lança-se nos braços das irmãs e os três choram amargamente.

O govêrno continua debatendo-se, mas Dadama, o tutor e os professores do menino procuram conservá-lo separado daqueles movimentos tristes.

Vocês gostariam de saber o horário a que êle obedecia? Ei-lo.

Levantava-se às 7 horas. Às 8 era o almôço sob fiscalização médica. Estudava das 9 às 11 e meia. Às 13 horas o jantar. Depois, palestras, porém, sôbre assuntos científicos ou de beneficência. Devia depois repousar, dando algum passeio ligeiro, moderado, sem pulos nem corridas, até o entardecer, recolhendo-se então para ler. Às 8 fazia as orações da noite e ceava às 9, devendo às 10 estar na cama.

Esta rotina só era quebrada quando alguns meninos de boa família tinham permissão para ir à Quinta, mas poucos eram os que mereciam tal honra.

D. Pedro progredia muito nos estudos. Aos 14 anos falava quatro idiomas e lia tudo àvidamente. Seu maior passa-tempo era ler. Às vezes ia frei Pedro apagar-lhe a lâmpada para não amanhecer lendo, tal era a sua ânsia de conhecer os enigmas do universo e da vida.

Em virtude de sua sabedoria e bom senso, reconheceram-lhe a maioridade aos 14 anos, harmonizando assim os três partidos políticos, então existentes no Brasil.

(Publicaremos no próximo número alguns dados sôbre o Imperador-moço e velho.)

Marina e Márcio acabaram de almoçar e foram brincar um pouco. Ela tinha seis anos e o irmãozinho, quatro. A mãe recomendou-lhes que não brincassem ao sol que estava muito quente. "Fiquem sempre na sombra", repetiu ela.

Depois de brincarem um pouco na areia, distrairam-se, observando as interessantes formigas que iam e vinham sem parar. Cansados disso, não sabiam o que fazer num dia quente como aquele.

Por sorte, viram a bisavó que vinha chegando, devagar, devagar, pois com os seus oitenta e cinco anos não podia andar como uma criança.

— O' bisavó, que bom! A senhora conta uma história? Conte, bisavozinha, uma bem bonita de quando a senhora era menina.

— Que coincidência! Pelo caminho vinha pensando justamente no meu querido leitãozinho. Querem que eu conte a história dêle?

— Isso mesmo!

— Isso mesmo! repetiu Márcio.

Sentaram-se na grama, aos pés da bisavó, sob uma árvore cuja sombra era bem fresquinha.

— Era um dia muito diferente dêste, começou a bisavó. Fazia um frio de rachar, quando pela primeira vez vi o leitãozinho. Era em junho e eu estava aquecendo-me perto do fogão, na cozinha, quando papai entrou, trazendo alguma coisa na mão. Lembro-me como se fôsse hoje. Meus irmãos todos estavam na escola; em casa, só eu, de 6 anos como você, e mamãe. Ao ver papai, pulei e quís saber o que tinha nas mãos: — era um leitãozinho tão miudinho como aínda não havia visto.

— Êle está morto, papai? perguntei.

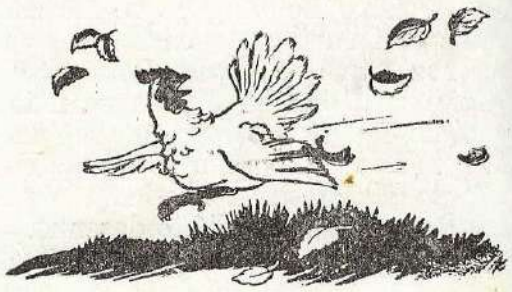
— Quasi. Quer tentar salvá-lo? Está geladinho! Se conseguir, ficará seu.

E papai largou em minhas mãos aquele corpinho, peladinho e frio de causar pena. Olhei para êle; tive dó; quís-lhe bem e desejei possuí-lo. Era grande a minha vontade de vê-lo vivo e espertinho.

O Porquinho

Minha mãe, acostumada a lidar com nenézinhos e de muito bom coração para com os animais, deu-me um pedaço de flanela para aquecer ao fogo e nêle embrulhar o porquinho. Então o pús, com muito jeito, num canto da cozinha.

"Isso, disse mamãe, deixe-o quieto por um pouco." Fiz como ela dissera, mas de meu lugar não tirava os olhos daquele montinho de pano a um canto. Todavia, não toquei nêle sem ordem da mamãe. Quando ela achou que já podia espiar, quasi nem respirava de ânsia. Desembrulhei-o; havia uns fracos sinais de vida. Mexia um pouquinho com os cambitos. Ma-



mãe me ajudou a despejar-lhe na bôca uma colher de leite morno. Novamente o deixamos no canto, bem embrulhadinho, dando-lhe de vez em quando uma colherada de leite. Foi-me difícil, aquela noite dormir longe dêle. Mas, no dia seguinte, criei vida nova, ao ouvir mamãe falar: "Parece que êle vai p'ra diante".

E, realmente, o leitãozinho foi crescendo, dia a dia e, em pouco tempo, já corria pelo quintal todo, mexendo com as orelhas e de rabinho enrolado. Dei-lhe um nome que meus irmãos me ajudaram a escolher — Neguinho.

Ah! Neguinho era um companheirão! Nós todos o estimavamos muito.

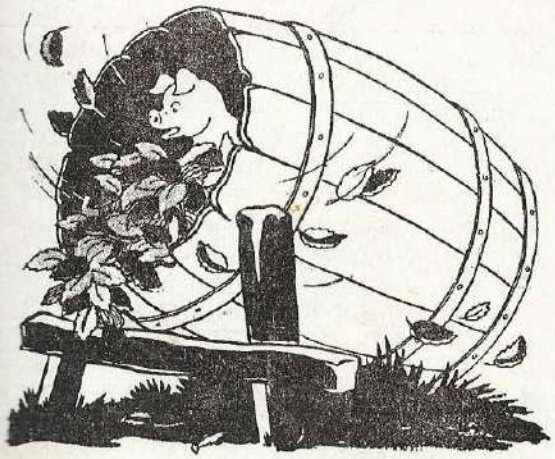
— Êle dormia com a senhora? perguntou Márcio.

— Isso não, embora andasse muito limpinho. Mamãe arranjou-lhe

da Bisavó

um barril feito cama e nós o forramos com fôlhas sêcas. E como êle gostava! Escondia-se no meio das fôlhas e num minuto estava dormindo; só se viam o focinho e o rabinho p'ra fora.

De tão pequeno que era, não podia sair do barril sozinho. Mas mal ouvia o seu nome: *Neguinho, Neguinho*, era aquele movimento e barulho de fôlhas sêcas para então surgir o bichinho, de olhos arregalados. Isso sempre nos fazia rir muito.



Um dia Neguinho estava no seu sono profundo, no barril, quando apareceu dona Galinha, procurando um lugar bem quieto e escondido para chocar seus ovos, pois queria muito criar uma ninhada. Mas, coitada, bastava pôr um ovo, já a mamãe ia depressa recolhê-lo. Uma vez conseguiu ajuntar três; pensou que estavam bem escondidinhos, mas quando menos esperava, perdeu-os todos, pois dessa vez foi o papai quem os descobriu. Contudo, dona Galinha não desistiu: Ao dar com o barril, pensou: "Ah! Isso mesmo! Ótimo lugar para fazer um ninho!" Com um vôo trepou no barril e espiou bem por dentro.

As fôlhas sêcas que o forravam, eram realmente convidativas. Alí, tão sossegado, ninguém a perturbaria. Ficou satisfeita. Entrou e se aninhou comodamente; pôs um lindo ovo, branquinho, e, no momento em que ia gritar: *Co-có-ré-co*, ouviu-nos chamar: *Neguinho! Neguinho!*

"Gentes! Que será isto? Terremoto aquí?" pensou ao sentir as fôlhas se mexerem por baixo dela.

Era o Neguinho, que, ouvindo seu nome, despertou do sono e se levantou depressa.

Dona galinha deu um vôo para fora do barril, gritando a mais não poder de susto, e o Neguinho, também assustado, não parava de grunhir, e nós crianças pusemo-nos a rir, de ver o jeito dêles; fôlhas esparramadas pelo chão, e o Neguinho de focinho aínda a tremer.

Dona Galinha chispou para o galinheiro e o leitãozinho, quasi nem aguentamos tirá-lo de tanto rir.

— E dona Galinha ficou sem ninho? perguntou Marina.

— Não, depois mamãe lhe deu uma ninhada de ovos de raça para chocar; e, queria que vocês vissem o orgulho dela ao se ver rodeada de doze pintinhos!

— E o porquinho ficou grande, vovó? quís saber o Márcio.

— Se ficou! Nunca tivemos outro maior e mais gordo! Parecia incrível que uma vez tivesse cabido na palma da mão do papai!

Êste é o porquinho que se tornou um colosso!

PAIS ADOTIVOS

Eis como me falou minha amiga:

Nem a chegada de uma mãe com seu recém-nascido, vindos do hospital, poderia ter causado maior alegria na casa do que experimentámos, há quatro anos, quando a nossa Suzaninha chegou, pela porta dos fundos, certa manhã, antes das 8 hrs., trazida pelo doutor que momentos antes assistira o seu nascimento; viera envolta apenas num cobertorzinho, sem uma camisinha siquer.

Meu marido, também médico, achava-se no banheiro, fazendo a barba; eu estava na cozinha, acabando de pôr a mesa para o café, e a empregada preparava as torradas, quando um carro buzinou à porta. Antes de eu poder atendê-lo, a porta se abriu e um embrulho, de onde saiu um chôro muito fraquinho, foi posto no sofá com estas palavras: "Aquí está a meninha que a senhora encomendou".

Meu marido estava por demais interessado no nenézinho e só horas depois conseguiu acabar de barbear-se; suas entrevistas daquele dia foram suspensas e eu deixei de ir a uma reunião naquela noite; por diversos dias, todos nós tinhamos o pensamento voltado para a criancinha. As refeições eram tomadas com muito menos formalidade e o horário da família se alterou grandemente.

Os pais adotivos têm suas satisfações bem como seus problemas peculiares, talvez maiores aínda que os pais de sangue.

Mas tinhamos o desejo ardente de altruisticamente possuir uma criança, a ponto de procurarmos uma.

Naquela manhã, passada a primeira excitação produzida pela chegada de Suzaninha, aprontei e saí para comprar-lhe roupinhas, pois, viera sem nada, nuazinha, embrulhada no cobertor róseo. Embora esperassemos sua chegada a qualquer dia, nada tinhamos preparado, temendo ficarmos ao final desapontados. Enquanto saí, meu marido se encarregou de telefonar aos parentes e amigos, dando a boa nova de que tinhamos uma filhinha. A notícia se espalhou rapidamente e choveram as visitas e os presentes. Muita roupa ficou para a irmãzinha que "veiu" no ano seguinte.

Êste acontecido nos proporcionou outro, por igual modo abençoado. Quando Suzaninha fez um ano, renovamos nosso pedido à agência que cuida de adoções, dizendo estarmos à espera de uma irmãzinha para Suzana.

Em certa manhã fomos chamados pelo telefônio a ir imediatamente à agência se estivessemos interessados numa irmãzinha para Suzana. Seguimos no dia seguinte e depois de cinco dias gastos em arranjar os papeis necessários, voltamos com a criancinha, já de dez dias, loira como uma boneca. Era a Divinha.

As duas eram robustas. Suzana morena, Diva loira, ambas fortes e bonitas. Suzana era quieta, de olhos castanhos e serenos, de pouco riso, mas de ar legre; pouco chorava. Diva, justamente o contrário — alta, menos gorda, ativa, risonha, sempre ocupada em alguma coisa.

Resolvemos de princípio encarar com seriedade o papel de pais. Chegamos à conclusão de que os pais adotivos enfrentam problemas diferentes dos pais verdadeiros. Por exemplo, em geral os adotivos são oito a dez anos mais velhos do que os pais verdadeiros e os especialistas no assunto dizem que os pais mais novos são mais serenos e tolerantes. Seu sistema nervoso coaduna melhor com a atividade infantil. Além disso, nosso desejo de possuí-las é tão grande que insensivelmente nos excedemos em carinhos e cuidados.

De outro lado, os de fora são mais inclinados a criticar a nós, os pais adotivos, que os verdadeiros; igualmente os filhos adotivos são mais criticados que os outros. Se uma criança adotiva tem algum defeito, ou mostra atraso numa coisa ou outra, se não é atrativa ou não tem bom comportamento na opinião dos outros, há muitos esperando para apontar e dizer: "Que mais podiam êles esperar?" ou "Que lucro êles têm em adotar uma criança, cuja hereditariedade desconhecem!"

No entanto, a verdade é que os defeitos são os mesmos, tanto nos filhos adotivos como nos verdadeiros.

"Pobrezinha!" eu ouço sempre.

"Imagine, que coragem de dar uma criança! Que pais haviam de ser?" Até a mim já me disseram ser fraqueza de carater dar um filho.

Ao envez, acho que é prova de fôrça de caráter os pais não serem egoistas e terem a coragem suficiente para separar-

se do filho e colocá-lo onde suas oportunidades são maiores e mais favoráveis, pois ha casos — como a pobresa, a doença contagiosa, a morte dos pais e outros — em que dar é a única solução.

Há outros comentários aínda que ouvimos frequentemente, tais como: "Espero que não venham a desapontá-la, depois do que tem feito por elas", ou "Quero só ver a recompensa que vai ter" e aínda "Tomara que elas saibam reconhecer sua bondade". Constantemente, referindo-se a elas, dizem: "coitadas delas, não têm casa".

Êstes comentários me deixam *indignada e* limito-me a dizer que as tomamos do puro egoismo, esperando como única recompensa ter a felicidade que usufruimos dia a dia, de hora em hora, em nossa casa avivada por elas, onde, antes de sua vinda, viviam dois adultos egoistas. Ha dois meios de se adquirir filhos — tendo-os ou adotando-os. Em nosso caso, os nossos dois filhinhos verdadeiros morreram ao nascer, há 10 e 14 anos atrás. Temos esperado todo êste tempo e afinal concluimos que para nós estava indicado o método de adoção.

"Você não receia contar-lhes mais tarde, temendo que vão procurar seus pais e parentes ou que fiquem tristes com a verdade?" é outra pergunta que frequentemente nos fazem.

"Nem um pouco", é minha resposta, "pois já principiamos a contar-lhes como vieram parar conosco. Quando estão cansadinhas, pulam no meu colo e cochicham:

— Mãezinha, conte uma história de quando nós viemos.

E a história começa:

— Ora, você sabe, papai e mamãe moravam aquí sózinhos. Não tinhamos nenhuma menininha com quem brincar e todos sabiam o quanto nos sentiamos sós.

Certa manhã, enquanto papai estava fazendo a barba e mamãe punha a mesa para o café, o que você pensa que aconteceu?

— Que foi? perguntam ansiosas, sabendo entretanto, de sobejo, o que foi.

— Ouvimos a buzina dum automóvel que veiu chegando e parou na porta da cozinha. Era um médico. E adivinhe o que êle trouxe, embrulhadinho num cobertor?

— Um nenézinho pequetitinho, apressa-se Suzana a explicar, antes de Diva poder dizer palavra.

— E vocês sabem o que êle estava fazendo? pergunto eu.

—Chorando, assim (e as duas imitam o chôro de criancinha nova).

— Isso mesmo, continuo. Então papai saiu do banheiro correndo e mamãe, de tão alegre, até derramou café na mesa e o médico foi entrando e pôs o embrulho, cuidadosamente no sofá e disse: "Aquí está a menininha que a senhora encomendou".

— Daí vocês sabem o que o papai fez? pergunto aínda.

Suzaninha inocentemente responde:

— Êle abraçou e beijou o nenézinho, depois chorou, porque êle estava muito contente.

— E mamãe, que fez? é a minha pergunta seguinte.

— Eu sei! Foi à cidade e comprou bastante roupinha para a criancinha porque ela veiu sem nada, responde Suzana.

— E vocês sabem quem era essa criancinha? perguntou-lhes ao ouvido, cochichando.

— Era Suzaninha! exclama Diva, imediatamente, enquanto a outra diz, como quem faz uma descoberta — Era eu!

E continuamos:

— Um dia, quando Suzaninha já estava um pouco crescida, pediu-nos arranjar-lhe uma irmãzinha, com quem brincar. Papai e mamãe também queriam mais um nenézinho; então Suzaninha ficou em casa enquanto papai e mamãe foram longe, muito longe, procurar uma. E quando chegamos de volta com a irmãzinha, que vocês pensam que Suzana fez?

— Eu a carreguei, beijei e chorei do jeitinho que papai fez, porque eu estava *mumumuinto* contente.

— E quem era aquela criancinha, pergunto aínda.

Desta vez é Divinha que, sentando-se direitinha no colo, adianta-se a responder — Era eu! — com verdadeira expressão de alegria e orgulho. E mamãe precisou ir à cidade comprar roupinhas para mim, como fez para Suzana, acrescenta ela.

Com esta história, verdadeira, sôbre a vinda dos dois nenés, que já se lhes tornou a história predlieta, como poderão elas duvidar da felicidade que nos trouxeram? À medida que forem crescendo, irei esclarecendo-lhes outros fatos que por certo quererão saber para se conhecerem melhor; esforçar-me-ei por fazê-las entender que nosso amor e cuidado por elas nos tornam seus pais, verdadeiros. Evitaremos, quanto possível, fazer referência à sua adoção, e quero que elas saibam que vêm de boa linhagem de nascimento e que disso se orgulhem.

* * *

Adotamos nossas crianças não por altruismo apenas, isto é, pelo bem da humanidade, mas principalmente pelo egoismo puro de amar os filhos e ser por êles amado, e a única recompensa esperada é a felicidade que sentimos ao vê-los crescer e preparar-se para a vida.

O Maravilhoso Mágico de Oz

CAPÍTULO VII

EM CAMINHO PARA O GRANDE OZ

Os viajantes viram-se obrigados a pernoitar na floresta, debaixo duma grande árvore copada. A folhagem cerrada protegia-os do orvalho, e o Lenhador de Latão cortou um monte de lenha, com a qual Dorita fez uma fogueira, que serviu para aquecê-la e alegrar seu coraçãozinho tão saudoso de casa. Repartiu com Totó o último pedaço de pão, sem saber o que poderiam achar para o almôço do dia seguinte.

— Se quiser, disse o Leão, entrarei na floresta e matarei um veado, que você poderá assar ao fogo, ja que tem um gôsto tão estragado e prefere cozinhar sua comida. Assim terá um bom almôço.

— Oh! não faça isso, implorou o Lenhador de Latão. Se você matar um pobre veado, com tôda a certeza tornarei a chorar e lembre-se de que o meu queixo se enferrujará novamente.

A-pesar do pedido do lenhador, o Leão meteu-se pela floresta a dentro e achou um bom jantar para si. Nunca ninguém soube o que foi porque êle guardou segrêdo sôbre o caso. O Espantalho encontrou muitos coquinhos, com os quais encheu a cesta de Dorita, afastando assim, por algum tempo, o perigo da fome. A menina mostrou-se muito grata ao Espantalho por se interessar pelo seu confôrto, mas não pôde deixar de se rir, vendo o modo desajeitado com que o pobre boneco ajuntava os coquinhos. Como as suas mãos eram muito mal feitas e os coquinhos muito pequenos, derrubava-os pelo chão antes de pô-los na cesta. O Espantalho, porém, não se importava com a demora; pelo contrário, esta ocupação obrigava-o a ficar longe da fogueira, o que para êle era um achado, pois tinha muito mêdo de que alguma fagulha o alcançasse, queimando-o todo. Conservou-se, pois, a alguma distância do fogo, aproximando-se apenas para cobrir Dorita com folhas sêcas, quando ela se deitou para dormir. Debaixo dessa coberta, Dorita sentiu-se bem quentinha e dormiu a sono solto, até a manhã seguinte.

Ao amanhecer, lavou o rosto num córrego e em seguida todos se puseram novamente a caminho.

Foi êsse um dia cheio de aventuras para os nossos viajantes. Não haviam andado uma hora quando encontraram um grande valo que cortava a estrada e parecia dividir a floresta em duas partes. Chegando-se cautelosamente à beira do enorme valo, viram que era muito fundo e forrado de pedras pontudas. Seus lados eram tão escarpados que não se podia descer por êles. Parecia impossível continuarem a viagem.

— Que havemos de fazer? perguntou Dorita, num tom de desespêro.

— Não tenho a menor idéia, disse o Lenhador de Latão.

O Leão sacudiu sua comprida juba, com ar pensativo. O Espantalho, então, atalhou:

— Que não podemos voar, está claro; também não podemos descer por êsse valo enorme. Logo, se não conseguirmos atravessá-lo de um salto, seremos obrigados a ficar dêste lado.

— Creio que eu seria capaz de saltar para o outro lado, disse o Leão Covarde, depois de medir a distância com os olhos.

— Pois então estamos salvos, gritou o Espantalho. Você pode levar-nos, um por um, nas costas.

— Está bem, vou tentar, tornou o Leão. Quem quer atravessar primeiro?

— Eu quero, disse o Espantalho; porque se você não conseguir atravessar o valo, Dorita morrerá com a queda, e o Lenhador de Latão ficará muito amassado nas pedras lá em baixo, mas a mim nada poderá acontecer, porque nunca me machucou quando cáio.

— Eu mesmo estou com mêdo de cair, disse o Leão Covarde, mas não há outro remédio. Monte nas minhas costas e vamos ver se posso.

O Espantalho montou e a enorme fera chegou-se à beira do valo e agachou-se.

— Por que você não dá uma corrida e depois pula? perguntou o Espantalho.

— Porque êsse não é o costume dos leões, respondeu êle.

Como uma flecha, atravessou o espaço e chegou, são e salvo, à outra margem. Ficaram todos maravilhados ao ver com que facilidade o animal transpôs o abismo. Então o Espantalho desceu de suas costas e êle voltou a buscar sua segunda carga que seria a menina. Dorita, tomando Totó nos braços, subiu às costas do Leão e com uma das mãos agarrou-se-lhe à juba. A fera tornou a saltar. Pareceu à menina voar pelos ares, mas antes de ter tempo para pensar, viu-se na margem oposta. Pela terceira vez o Leão saltou, levando o Lenhador de Latão. Então todos sentaram-se para que o Leão pudesse descansar, pois aqueles saltos tiraram o fôlego e êle arquejava como um cão que tivesse corrido demais.

A floresta, do outro lado do valo, era aínda mais cerrada e parecia mais escura e sombria. Entando o Leão descansado, continuaram a viagem pela estrada de tijolos amarelos. Caminhavam em silêncio, temerosos de jamais poderem sair dêsse lugar medonho. Ficaram aínda mais desanimados ao ouvir um barulho muito exquisito, vindo das entranhas da floresta. O Leão contou-lhes, muito em segrêdo, que essa região era habitada pelos kalidás.

— Que são kalidás? perguntou Dorita.

— São feras monstruosas, com corpo de urso e cabeça de tigre, tornou o Leão. Têm garras tão compridas e agudas que podem despedaçar-me com a mesma facilidade com que eu despedaçaria Totó. Tenho horror aos kalidás.

— Não é de se admirar! exclamou Dorita. Devem ser animais formidáveis!

Antes que o Leão pudesse responder, toparam, de súbito, com outro abismo que cortava a estrada. Era tão largo e tão profundo que o Leão reconheceu imediatamente a impossibilidade de atravessá-lo de um salto.

Sentaram-se, pois, para combinar o que se deveria fazer. Depois de muito discutirem, o Espantalho teve uma idéia luminosa.

— Estão vendo aquela árvore à beira do valo? Se o Lenhador conseguir cortá-la de modo que a ponta cáia na outra margem, poderemos sem dificuldade atravessar o valo pelo tronco.

— Esplêndido! exclamou o Leão. Até parece que você tem miolos na cabeça e não palha!

Sem perda de tempo o Lenhador pôs mãos à obra. Seu machado estava tão bem afiado que daí a alguns minutos a árvore estava quasi derrubada. Então o Leão, firmando as patas dianteiras contra o tronco, empurrou-o com tôda a fôrça. Lentamente a árvore vergou e, com um estrondo tremendo, caiu, atravessando o valo. Seus galhos mais altos descansaram na margem oposta.

Tinham apenas começado a atravessar essa ponte improvisada, quando ouviram atrás de si um bramido de fera. Voltaram-se imediatamente e viram, apavorados, que dois enormes animais, com corpo de urso e cabeça de tigre, corriam ao seu encalço.

— São os kalidás! exclamou o Leão Covarde, tremendo como varas verdes.

— Depressa, depressa! gritou o Espantalho. Atravessemos sem demora!

Dorita, com Totó nos braços, foi a primeira a chegar do outro lado. Seguiu-a o Lenhador de Latão e por último o Espantalho. O Leão, embora morrendo de mêdo, voltou-se para enfrentar os kalidás. Soltou um rugido tão forte e tão terrível que Dorita gritou de susto e o Espantalho caiu de costas; até as duas feras pararam assustadas.

Vendo que eram maiores que o Leão e que seu inimigo estava só, os kalidás avançaram outra vez. O Leão atravessou correndo e, em seguida, virou-se para ver se aínda estavam sendo perseguidos. Sem hesitar, as feras também principiaram a transpor a árvore.

— Estamos perdidos! disse o Leão a Dorita. Os kalidás vão despedaçar-nos com suas garras agudas. Fiquem atrás de mim que eu os enfrentarei, enquanto tiver vida.

— Esperem um minuto! ordenou o Espantalho aos seus amigos. Tudo se arranja!

Êle tinha estado a pensar o que poderiam fazer. Pediu ao Lenhador de Latão que cortasse a ponta da árvore que pousava na beira do abismo. Imediatamente o Lenhador se pôs a trabalhar com tôdas as suas fôrças. Os kalidás já estavam quasi no fim da ponte, quando a árvore estalou e caiu com estrondo ensurdecedor, pelo abismo abaixo, levando consigo as duas feras terriveis, que morreram despedaçadas nas rochas ponteagudas.

— Arre! disse o Leão Covarde com um profundo suspiro de alívio, aínda desta vez escapamos da morte. Graças! Deve ser muito desagradável a gente morrer. Aquelas feras me meteram tanto mêdo que meu coração aínda está pulando.

— Ah! suspirou o Lenhador de Latão. Quem me dera ter um coração que batesse!

Essa aventura aumentou-lhes o desejo incontido de sairem da floresta.

Puseram-se a andar tão depressa que Dorita ficou esfalfada e teve de montar nas costas do Leão. Grande foi a alegria de todos ao ver que as árvores iam rareando, espaçadas, à medida que caminhavam. Pela tarde chegaram a um rio largo e impetuoso que cortava o caminho. Na margem oposta avistaram a estrada de ladrilhos amarelos, que atravessava campinas verdejantes, salpicadas de alegres florzinhas. Ladeando a estrada, hahia árvores copadas, cujos galhos vergavam ao pêso das frutas. Que momento feliz foi êsse para os nossos amiguinhos, mas...

— Como atravessar o rio? perguntou Dorita.

— Isso é fácil, respondeu o Espantalho. O Lenhador de Latão pode fazer uma jangada e assim pasaremos para o outro lado.

O lenhador, então, pegou no seu machado e começou a cortar árvores pequenas para fazer a jangada. Enquanto êle trabalhava, o Espantalho descobriu uma árvore carregadinha de belos frutos. Foi uma mina para Dorita, que tinha passado a coquinhos o dia todo. Sentando-se no chão, comeu gulosamente uma porção de frutas.

Embora o Lenhador de Latão trabalhasse com tôda a energia, caiu a noite sem que a jangada estivesse terminada. Descobriram alí por perto um lugarzinho abrigado, em baixo duma árvore, onde dormiram sossegadamente, a noite tôda. Dorita sonhou com a Cidade das Esmeraldas e com Oz, o grande mágico, que ia auxiliá-la a voltar para sua terra.

Capítulo VIII

O CAMPO DAS PAPOULAS FATAIS

Na manhã seguinte, os nossos viajantes acordaram descansados e cheios de ânimo. Tinham conseguido atravessar a floresta sombria e agora, diante dêles, estendiam-se risonhos e floridos campos. Tudo parecia convidá-los a prosseguir na jornada para a Cidade das Esmeraldas.

E' verdade que estavam separados dessa linda terra pelo rio, que era bem largo; mas a jangada estava quasi pronta. Com mais alguns troncos, amarrados fortemente uns aos outros com cipós, o nosso amigo Lenhador terminou a sua tarefa. Dorita sentou-se no meio da jangada com Totó nos braços. Quando o Leão Covarde subiu, a jangada quasi virou com o seu pêso, mas o Espantalho e o Lenhador ficaram do outro lado e equilibraram a embarcação! Trouxeram varas compridas para usar como remos.

A princípio tudo foi às mil maravilhas, mas quando chegaram ao meio do rio, a correnteza arrastou-os água abaixo, afastando-os mais e mais da estrada de tijolos amarelos. Além disso, a profundidade do rio era tal que as varas não chegavam até o fundo, tornando-se impossível dirigirem a jangada.

— Mau, mau. Êste negócio não vai bem! disse o Lenhador de Latão. Se não alcançarmos logo a margem oposta, a correnteza nos levará para os domínios da Bruxa de Leste e, então, que será de nós?

— Com a breca! Lá se vão os meus miolos, disse o Espantalho.

— E a minha coragem, quem me dará? suspirou o Leão Covarde.

— Ai, ai, minha bela munchilena, nunca mais te amarei! exclamou o Lenhador de Latão.

— Pobre de mim, nunca mais poderei voltar para casa, soluçou Dorita.

— E' preciso alcançarmos a Cidade das Esmeraldas, custe o que custar, disse o Espantalho.

Dizendo isto, enfiou a comprida vara no rio e, para fazer bastante fôrça, dependurou-se nela, o que fez com que a ponta enterrasse na lama do fundo do rio e, antes de ter êle tempo de puxar a vara ou largá-la, a correnteza arrebatou a janga-

da e... lá ficou o coitado do Espantalho, agarrado a uma vara, no meio do rio.

— Adeus, queridos amigos! gritou êle.

Foi um choque terrível para todos. O Lenhador de Latão principiou logo a chorar, mas felizmente, lembrando-se que de novo poderia enferrujar-se, enxugou as lágrimas na saia de Dorita.

Pobre Espantalho, que triste situação!

— Estou agora em piores condições do que quando vi Dorita pela primeira vez, disse êle com seus botões. Preso num poste no meio dum arrozal, como então estava, podia ao menos fingir que espantava os passarinhos, mas agora, para que serve um Espantalho agarrado a uma vara no meio dum rio? Triste vida! Adeus meus belos sonhos!

A jangada, levada pela correnteza, já ia longe e dalí a pouco os viajantes perderam de vista o Espantalho. Finalmente, dominando-se, o Leão disse:

— Precisamos fazer alguma coisa para nos salvar. Se vocês segurarem com tôda a fôrça em minha cauda, enquanto eu nadar, creio conseguirmos alcançar a margem.

Tendo todos concordado, o Leão saltou à água e começou a nadar vigorosamente. O Lenhador de Latão agarrou fortemente a cauda e assim o Leão foi puxando a jangada; a-pesar-de ser o Leão tão grande, precisou lutar heroicamente. Afinal, chegaram perto da margem e então Dorita, tomando a vara do Lenhador de Latão, ajudou-os a empurrar a jangada para a beira do rio.

Quando afinal conseguiram saltar em terra firme, estavam exhaustos e ficaram aínda mais desanimados ao se lembrar de que tinham sido levados para longe da estrada de tijolos amarelos que ia ter à Cidade das Esmeraldas.

— E que fazer agora? perguntou o Lenhador?

— O melhor é irmos margeando o rio até darmos outra vez com a estrada, lembrou o Leão.

Depois de descansados, Dorita pegou sua cestinha e seguiram pela verde relva que beirava o rio, esperando assim voltar à estrada da qual tão desastrosamente se tinham afastado. Era um lugar aprazível aquele, todo cheio de flores e árvores frutíferas. O sol brilhava alegremente. Só uma coisa os entristecia: era a lembrança da triste sorte do Espantalho.

Andaram o mais depressa possível. Dorita só parou uma vez para colher uma flor. Passado algum tempo, o Lenhador de Latão exclamou:

— Depressa, depressa, olhem lá!

Todos se voltaram para o lado do rio e viram o Espantalho empoleirado na sua vara, no meio da água, a olhar com uma cara muito amarela para a correnteza.

— Como havemos de salvar o coitado? perguntou Dorita.

O Leão e o Lenhador sacudiram tristemente a cabeça. Não lhes acudiu à mente um meio de salvar seu infeliz companheiro. Sentaram-se à beira do rio, olhando para o Espantalho com umas caras muito compridas. Uma Cegonha, que por alí passava, vendo-os, veio pousar ao lado dêles e dar um dedo de prosa.

— Quem são vocês e para onde se dirigem? indagou logo.

— Eu sou Dorita e êstes são meus amigos, o Lenhador de Latão e o Leão Covarde. Vamos todos à Cidade das Esmeraldas.

— Êste não é o caminho, disse a Cegonha, dobrando seu pescoço comprido e lançando um olhar desconfiado a êsse estranho grupo de viajantes.

— Sei que não é, tornou Dorita, mas estamos aquí pensando em como havemos de salvar o Espantalho.

— Onde está êle?

— Lá no meio do rio.

— Se não fôsse tão grande e tão pesado, eu iria buscá-lo, disse a Cegonha.

— Êle não é pesado, protestou Dorita, porque é feito de palha. Que bom se você pudesse salvá-lo! Ficaria sendo também nossa amiga.

— Pois então vou tentar, disse a Cegonha, mas se êle for muito pesado, não me culpem se o deixar cair no rio outra vez.

A Cegonha voou, pois por cima da água, até a vara onde estava o Espantalho. Com suas enormes garras pegou-lhe o braço e levou-o pelos ares até à margem do rio, onde Dorita, o Leão, o Lenhador e Totó o esperavam.

O Espantalho, vendo-se outra vez rodeado pelos seus amigos, começou a pular de contente. Abraçou a todos; até o Leão e o Totó não escaparam. E lá se foram pelo caminho, muito satisfeitos, e o Espantalho a cantarolar com voz muito desafinada.

— Eu quasi morri de mêdo de ficar no rio tôda a vida, disse êle. Se algum dia eu obtiver miolos, hei-de procurar a bondosa Cegonha que me salvou. Quero mostrar-lhe que não sou ingrato.

— Ora, deixe-se disso, replicou a Cegonha que voava ao seu lado. Para mim é um prazer ajudar quem precisa dos meus préstimos.

Mas agora preciso ir-me embora. Meus filhinhos estão à minha espera, lá no ninho. Espero que achem a Cidade das Esmeraldas e que Oz os ajude.

— Muito obrigada, disse Dorita à bondosa Cegonha, que bateu asas e logo se perdeu de vista.

Os nossos amiguinhos continuaram a caminhar, ouvindo o cantar dos passari-

nhos e admirando as bonitas flores que alegravam o caminho. Algumas eram de côres delicadas, outras, vivas, mas entre todas destacavam-se as grandes papoulas vermelhas, frescas e viçosas.

— São lindas, não acham? perguntou a menina, respirando o perfume das flores.

— Acho que são, respondeu o Espantalho. Quando tiver inteligência, com certeza, hei-de gostar mais delas.

— Se eu tivesse coração, poderia amá-las, acrescentou o Lenhador de Latão.

— Sempre gostei de flores, disse o Leão. São muito mimosas; mas na floresta não há flores de cores tão vivas como estas.

À medida que avançavam, o número de papoulas vermelhas aumentava e o das outras flores diminuia. Em breve estavam num vasto campo inteiramente coberto de papoulas. Ora, tôda gente sabe que essas flores têm um perfume muito forte e que, onde há uma porção delas, o perfume se torna tão inebriante a ponto de adormecer qualquer pessoa que o respirar por muito tempo, correndo o risco de morrer se não for levada a outro lugar. Dorita, no entanto, não sabia dêsse perigo e, mesmo que o soubesse, não poderia evitá-lo porque não havia outro caminho. Daí a pouco ela começou a sentir a cabeça pesada, as pernas bambas e um sono danado.

O Lenhador de Latão, vendo o perigo que a ameaçava, não consentiu que ela parasse.

— Precisamos andar depressa e voltar à estrada de tijolos amarelos, antes que escureça, disse êle.

O Espantalho também concordou.

Continuaram pois a andar, até que Dorita não pôde mais nem ficar de pé. Arregalava os olhos para não dormir, mas qual... seus olhos, pesados como chumbo, fecharam-se e, perdendo os sentidos, caiu no meio das papoulas, profundamente adormecida.

— E agora, que vamos fazer? perguntou o Lenhador de Latão.

— Se deixarmos a menina aquí, morrerá por certo, disse o Leão. O cheiro das flores nos está matando. Eu mesmo mal posso ter os olhos abertos, e o cachorro já está dormindo.

De fato, Totó acabava de cair ao lado de sua patroazinha. O Espantalho e o Lenhador de Latão, como não eram de carne e osso, estavam tranquilos. O perfume fatal não lhes fizera mal.

— Corra, disse o Lenhador ao Leão, trate de sair quanto antes do meio destas flores perigosas! A menina podemos carregar, mas você, se dormir, terá de ficar aí, porque não aguentamos carregá-lo.

O Leão agitou-se, fazendo um esfôrço para se reanimar e largou a correr como um doido pelo campo a fora. Logo não o enxergaram mais.

— Vamos fazer com nossas mãos, uma cadeirinha para carregar Dorita, disse o Espantalho.

Puseram Totó no colo da menina e fizeram uma cadeirinha muito cômoda e assim carregaram-na adormecida.

Andaram, andaram e andaram; parecia-lhes que aquela extensão de flores mortíferas não tinha mais fim. Desanimados, seguiram a curva do rio quando, de repente, toparam com o Leão, dormindo a sono sôlto, no meio das papoulas. As flores tinham vencido a enorme fera que, não podendo mais lutar contra o sono, caira adormecido, já quasi a sair do campo fatal.

— Pobre Leão, não podemos fazer nada por êle, disse o Lenhador de Latão, com voz chorosa. E' impossível levantarmos êste colosso. Teremos de abandoná-lo aquí, dormindo para sempre. Talvez saiba que afinal ganhou a coragem que tanto almejava.

— Como estou triste! disse o Espantalho. O Leão, embora covarde, era um ótimo camarada. Mas que fazer? Vamonos embora e depressa!

Levaram a menina adormecida a um lindo lugar à beira do rio, bastante afastado do campo das papoulas, para que ela não respirasse mais o perfume venenoso. Alí deitaram-na mansamente sôbre a macia relva, esperando que a frescura da brisa a despertasse.

(*Continua*).

★ ★ ★

A Pedra no Caminho

Graziela caminhava para o mercado com sua cesta cheinha de verdura. Ia com tanta pressa, por já estar atrazada, que seus sapatos de madeira, batendo no chão duro, produziam um som semelhante a um toque de tambor. Chegar tarde ao mercado significava correr o risco de não vender verdura.

Nessa manhã vinha mergulhada num pensamento que há dias a preocupava. Era o aniversário da mãe que se aproximava e ela, depois de muito pensar, aínda não chegara a nenhuma resolução. Começara um trabalho de *tricot* mas não pôde terminá-lo; fêz, ela mesma, o retrato da mãezinha, mas depois de pronto achou que não estava bem parecido. De modo que até alí aínda nada conseguira arranjar.

Enquanto andava, lembrou-se duma história de seu livro de leitura. Contava de um menino que, à semelhança dela, dirigia-se ao mercado. No meio do caminho viu uma pedra enorme. "Essa pedra aí é um perigo para os veículos", pensou êle. E, empregando tôda a sua fôrça, conseguiu removê-la para o lado. E então veiu a surpresa. Debaixo da pedra havia uma moeda de 5$000. Ah! Se ela tivesse essa quantia, dá-la-ia tôda para a mãe.

Graziela continuou andando atenta, de olhos no chão, mas não havia pedra alguma para remover. Já se aproximava do canal, quando pareceu ouvir gritos do barranco. Teria, porventura, alguém caído no canal? Procurou em volta e, descendo a rampa, encontrou uma menininha, de cinco anos ou menos, chorando.

— Você está machucada, benzinho? perguntou Graziela, solícita.

O chôro cessou como por encanto e dois grandes olhos aínda brilhantes de lágrimas, ergueram-se para Graziela. A criança deu um suspiro profundo, e depois, apontando com seu dedo gorduchinho para as florezinhas que abundavam multicores à beira dágua, soluçou: "Eu não alcanço".

Graziela, vendo a impossibilidade de seus bracinhos curtos alcançarem as flores, disse: "Ora, não chore, eu apanho para você." Pôs sua cesta de verdura no chão, abeirou-se dágua e, descendo o barranco, colheu-as uma a uma, entregando à menina, já agora sorridente. Mas, no impulso dado para alcançar a derradeira, a terra onde pisava desmoronou e a sorte foi que ela sabia nadar, se não... Ao sair dágua, perdeu um pé de sapato; correndo, conseguiu aínda pegá-lo. No entanto, Graziela estava tão molhada que dava dó.

Pensou nas verduras que devia levar ao mercado. Mas, como chegar lá naquelas condições? E que diria a mãe se ela voltasse sem vender ao menos um pé de alface?

— Venha comigo, disse a criança. Minha mãe mora no castelo e ela sabe enxugar sua roupa.

Graziela aquiesceu. Todavia, chegando lá, sentiu-se embaraçada, vendo a menina entrar pela porta principal. "Oh! Não! Por alí não!" disse

ela. Mas a Juliana (era como se chamava a pequena) pouco se lhe dava por qual porta e, sem saber como, Graziela estava na cozinha.

— Ela caiu no canal, explicou Juliana, apontando a outra, então eu falei para ela vir aquí enxugar.

— Fez muito bem! disse a mulher que lidava no fogão. Mas, como foi, menina, que você caiu?

Graziela relatou que estando de caminho ao mercado onde iria vender suas verduras, ouviu Juliana gritar e foi ajudá-la a colhêr as flores.

— Barbaridade! gritou a cozinheira. Imagine se caísse Juliana, pequena assim, era capaz de não sair com vida!

Mandou então Graziela tirar a roupa enquanto ia buscar outra. Graziela obedeceu, mas não pôde reter as lágrimas, lembrando-se do pito que, sem dúvida, iria tomar em casa. A mãe teria razão, pois a verdura ficaria murcha, dificultando a venda.

Já tinha tirado a sáia molhada, quando a cozinheira voltou acompanhada por uma distinta senhora.

— Maria acaba de me contar como você evitou que Juliana caísse no canal. Estou muitíssimo agradecida. Nós nem sabíamos que ela estava fora de casa.

"Deve ser a baronesa, e a menina sua filha", pensou Graziela. Ficou tão confusa que nem pôde articular palavra. No entanto, não foi preciso, pois a baronesa mesma ajudou-a a trocar de roupa, vestindo outras que lhe trouxera. Depois sentou-se à mesa com Juliana e comeram uma porção de coisas gostosas.

Antes de se despedir, a cosinheira comprou-lhe tôda a verdura.

— São viçosas e frescas, que bom que as encontrei! exclamou a cosinheira.

— Como seus sapatos aínda não estão sécos, fique com os que está usando, bem como o vestido que tem no corpo. Eram de minha filha mais velha, mas já não lhe servem mais. Parece até que tudo foi feito especialmente para você.

— O chale também é para eu ficar com êle?

— Sim, sem dúvida, respondeu a baronesa.

Graziela sorriu de satisfação. Agora já tinha com o que presentear a mamãe. Seria um chale como ela nunca sonhara possuir.

— Muito e muito agradecida, gaguejou Graziela, ao se despedir.

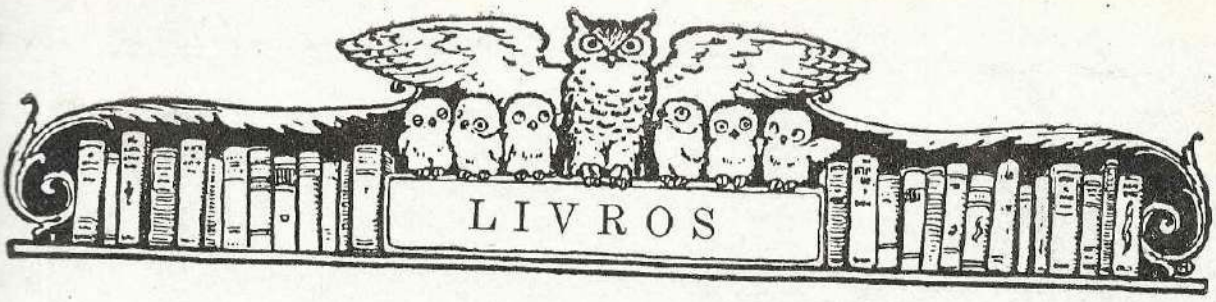
— Venha sempre, convidou a baronesa. Sei que Juliana estando com você não terei preocupação.

— Se a mamãe deixar, foi a resposta.

Graziela saiu, ansiosa por contar tudo à mãe. Aínda não tinha andado dois quarteirões, quando descobriu que a sáia tinha bolso. Pondo a mão lá, encontrou uma bolsinha com 50$000 dentro. Havia também uma notinha: À Graziela, da Juliana."

Ela não podia mais se conter de alegria. Ganhara um vestido bonito, um par de sapatos de couro fino e aínda dois presentes para a mamãe! Quanta coisa sem esperar!

De repente desatou a correr, e consigo mesmo dizia: "Não sei qual será melhor, encontrar uma pedra no caminho ou uma menina chorando!"

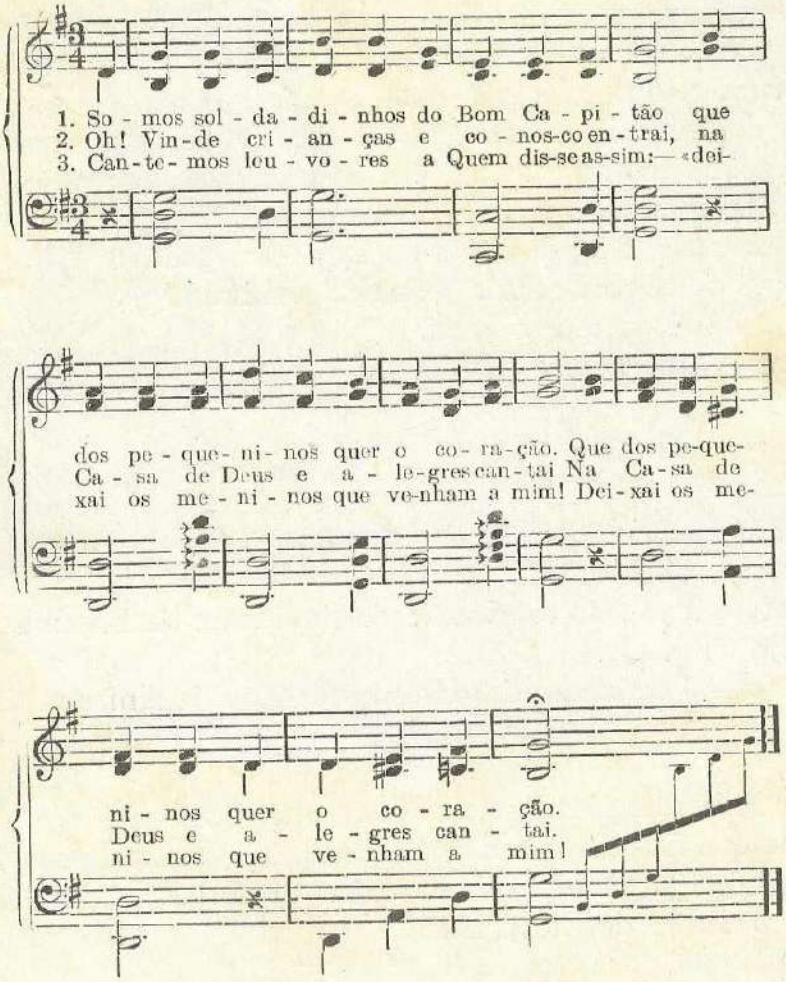


Quem é que sabe?

1) Completar : *E perdoa-nos as nossas dívidas assim como...*
2) Como se chama a árvore que dá azeitona ?
3) Qual é o céu onde não brilham estrêlas ?
4) Qual é a bôca que engole o mundo ?
5) Quem foi que disse : "Se eu não fôsse imperador, seria professor" ?
6) Qual o grande brasileiro que foi chamado de "biblioteca ambulante", em virtude de sua extraordinária memória ?
7) A quem devemos a construção da primeira estrada de ferro no Brasil ?
8) Que outro nome tem o palácio do Catete ?
9) Citar nomes de árvores que também são sobrenome de pessoas.
10) Corrigir a seguinte sentança : Fazem três anos que não a vejo.
11) Que é conhecido como "a raiz de todos os males" ?
12) Que é que pesa mais, 1 kg de palha ou 1 kg. de algodão ?
13) Que fazia o pai do célebre pintor holandez Rembrandt ?
14) Que diferença há entre tôda e toda.
15) Em que monte parou a arca de Noé ?

Respostas às perguntas de maio.

1) *não se cansarão ; andarão e não desfalecerão.*
2) A princesa Isabel, a Redentora.
3) Chama-se Catete o palácio residencial do presidente da República.
4) Chama-se Casa Rosada.
5) E' a residência do presidente dos Estados Unidos da America do Norte.
6) Olho dágua.
7) Biscoito.
8) O general Sir Robert Baden Powell. (Leia o n.º de abril).
9) De Faros, ilha que fica em frente de Alexandria. (Para maior esclarecimento veja a história *Que farias tu* que saiu no n.º de abril.)
10) Poesia *Pássaro Cativo* de Olavo Bilac.
11) Sua fôrça.
12) Depois quero falar *com você* ou *com o senhor* ou *senhora.*
13) 29 km. De norte a sul mede 4.307 km. e de leste a oeste 4.336 km.
14) A 1.ª estrada de ferro do Brasil foi construida do Rio a Petrópolis em 1854
15) Nove.

LOUVOR

Ochelcis A. Laureano.